



LAND ROVER BLINDADA NO HAITI UMA SOLUÇÃO PALIATIVA



Exedito Carlos Stephani Bastos
Pesquisador de Assuntos Militares da
Universidade Federal de Juiz de Fora
defesa@ufjf.edu.br

Quando do envio de tropas brasileiras para a **Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti – MINUSTAH**, em 2004, diversos equipamentos foram levados àquele país, incluindo viaturas militares, reboques, blindados sobre rodas 6x6, além diversos tipos de máquinas como empilhadeiras, retroescavadeiras, enfim tudo que era necessário para o cumprimento da missão.

Ao desembarcarem em Porto Príncipe e encararem a realidade, a situação ficou um pouco mais complexa, visto que se sentiu a falta de um blindado leve 4x4 que pudesse dar uma maior proteção às nossas tropas, quando passaram a efetuar missões de patrulhamento dia e noite.

A situação não era tão desesperadora, até porque há limitações quando ao uso de armamento por parte das gangues locais, que não visam depor o governo, apenas querem manter seus redutos territoriais e seus “ganhos” e não utilizam equipamentos sofisticados como os que estamos acostumar a ver em diversos locais nos conflitos existentes hoje no mundo, como lançador de foguetes RPG, munições perforantes de hiper velocidade e até mísseis anticarro.

Mas com a apreensão de munições do tipo perfurante 7.62mm e .30 foi dado um alerta e em face dos equipamentos existentes ficou a preocupação de se evitar baixas, o que tem sido conseguido até o momento. Várias opções passaram a ser estudadas e se tentou de todas as formas dar uma proteção ao combatente brasileiro, adotando meios que já foram empregados em outras regiões de conflitos, como a colocação de coletes à prova de balas nas laterais do jipes Land Rover, sacos de areia ao redor das escotilhas de nossos blindados Urutu 6x6, além do uso constante de coletes à prova de balas pela tropa.



EE-11 Urutu visto de traseira, notar os sacos de areia ao redor das escotilhas e a tropa no centro. Land Rover em missão de patrulhamento numa rua de Porto Príncipe, notar os coletes a prova de balas nas portas e laterais. (Fotos: CComSEx)

A forma encontrada para uma resposta imediata e que pudesse dar uma maior confiabilidade para a tropa, foi blindar uma Land Rover Defender 110, utilizando chapas de aço disponíveis na República Dominicana e adquiridas através do suprimento de fundos. Os trabalhos foram executados numa empresa de Porto Príncipe chamada **LA PERFECTION**, uma oficina especializada em blindar veículos civis, sob a supervisão de oficiais brasileiros. Como havia limitações para o peso da blindagem, optou-se por blindar as laterais, as quatro portas, traseira e parte frontal do pára-brisa, e a divisão entre a cabine dupla e a carroceria, ficando totalmente aberta na parte de cima e para dar uma maior proteção revestiu-se todo o seu interior com camadas de coletes à prova de balas, podendo assim os seus ocupantes terem uma maior proteção quando em missão.



Detalhes da Land Rover 110 blindada no Haiti. (Fotos: Arquivo Cap. Lyzandro)



Detalhe do interior traseiro, notar os coletes a prova de balas usados como meio de ampliar a blindagem lateral do veículo. (Foto: Arquivo Cap. Lyzandro)

Foi uma solução engenhosa, mas paliativa, que merece ser registrada, muito embora esteja ainda em uso, só uma foi blindada. Optou-se em seguida por enviar mais blindados sobre rodas Urutu 6x6 (18 atualmente) e desenvolver uma blindagem para proteção do motorista e do operador da metralhadora na escotilha sobre o teto da viatura, que foi desenvolvida no Brasil por integrantes do Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Escola) - Esquadrão Paiva Chaves, no Rio de Janeiro e produzidas em série pela Centigon Blindagens do Brasil Ltda, no Arsenal de Guerra de São Paulo, que também desenvolveu um kit de blindagem para as Land Rover (ver artigo: **LAND ROVER COM BLINDAGEM ADICIONAL NO HAITI** - <http://www.defesa.ufjf.br/artq/Art247.htm>), que não chegou a ser usado. Produziu os kits de proteção blindadas para o motorista e o atirador na escotilha da metralhadora do Urutu, que levados para o Haiti foram substituídos, parcialmente, os lá existentes, construídos na mesma oficina que blindou a Land Rover em 2005.



Detalhe da primeira blindagem desenvolvida no Brasil e construída no Haiti, agora parcialmente substituída por uma torreta totalmente blindada produzida pela Centigon, sendo uma para o motorista e outra para o atirador da metralhadora MAG 7.62mm. Todos os 18 Urutus receberam a blindagem do motorista e apenas 8 a da metralhadora, ficando os demais com a antiga. (Fotos: CComSEx)

O certo é que continua faltando ao Exército Brasileiro um blindado pequeno 4x4 que possa ter em um número razoável e que venha a atender às necessidades prementes tanto internamente como externamente, seja para patrulhamento nas unidades em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo que enfrentam uma onda perigosa de criminalidade, seja como um veículo para equipar as unidades GLO – Garantia da Lei e

da Ordem e que possa também atender às Missões de Paz e a própria polícia militar que continua desprovida de um veículo desse porte.

Será que vamos continuar improvisando ou poderemos aprender com algumas soluções que já foram feitas no passado, não muito remoto, mas que parecem não ter o mínimo efeito hoje, podendo servir de base para aplicar seu conceito a novos veículos que podem muito bem serem produzidos pela nossa indústria de defesa, como fazem muitos países que enfrentam situações muito piores do que as nossas, ou será que vamos esperar complicar ainda mais para iniciarmos uma mudança e perceber que precisamos realmente de um 4x4 blindado.

